

Banco do Brasil apresenta

CCBB Educativo

ARTE, CULTURA E CIDADANIA 2004

Caderno VII



1º semestre

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL

CCBB Educativo

ARTE, CULTURA E CIDADANIA 2004

COORDENAÇÃO GERAL

Luiz Guilherme Vergara
Sueli de Lima

COORDENAÇÃO EXECUTIVA

Bia Jabor
Juliana Prado

ARTE-EDUCADORES

Patrimônio

Ana Paula Chaves
Alexandre Guarnieri
Robson Reis

Literatura/Biblioteca

Mônica Duque
Sabrina Rosas
Tatiana Henrique

Cinema/Vídeo

Keyna Eleison
Ulisses Fernandes

Artes Visuais

Ana Rondon
Analu Cunha

Música

Carolina Luz

Teatro/Histórias com Arte

Michéle Santoro
Suzana Nascimento

Grupos Especiais

Adriana Fontes
Gustavo Correia
Mara Pereira

PRODUÇÃO E GERÊNCIA

Fátima Magalhães
Grace Rial

ASSESSORIA DE IMPRENSA

Christina Martins

ASSESSORIA FINANCEIRA

Solange Faria

EDIÇÃO E REVISÃO DE TEXTO

Itamar Rigueira Jr.

FOTOGRAFIA

Frederico Dalton

PROJETO GRÁFICO

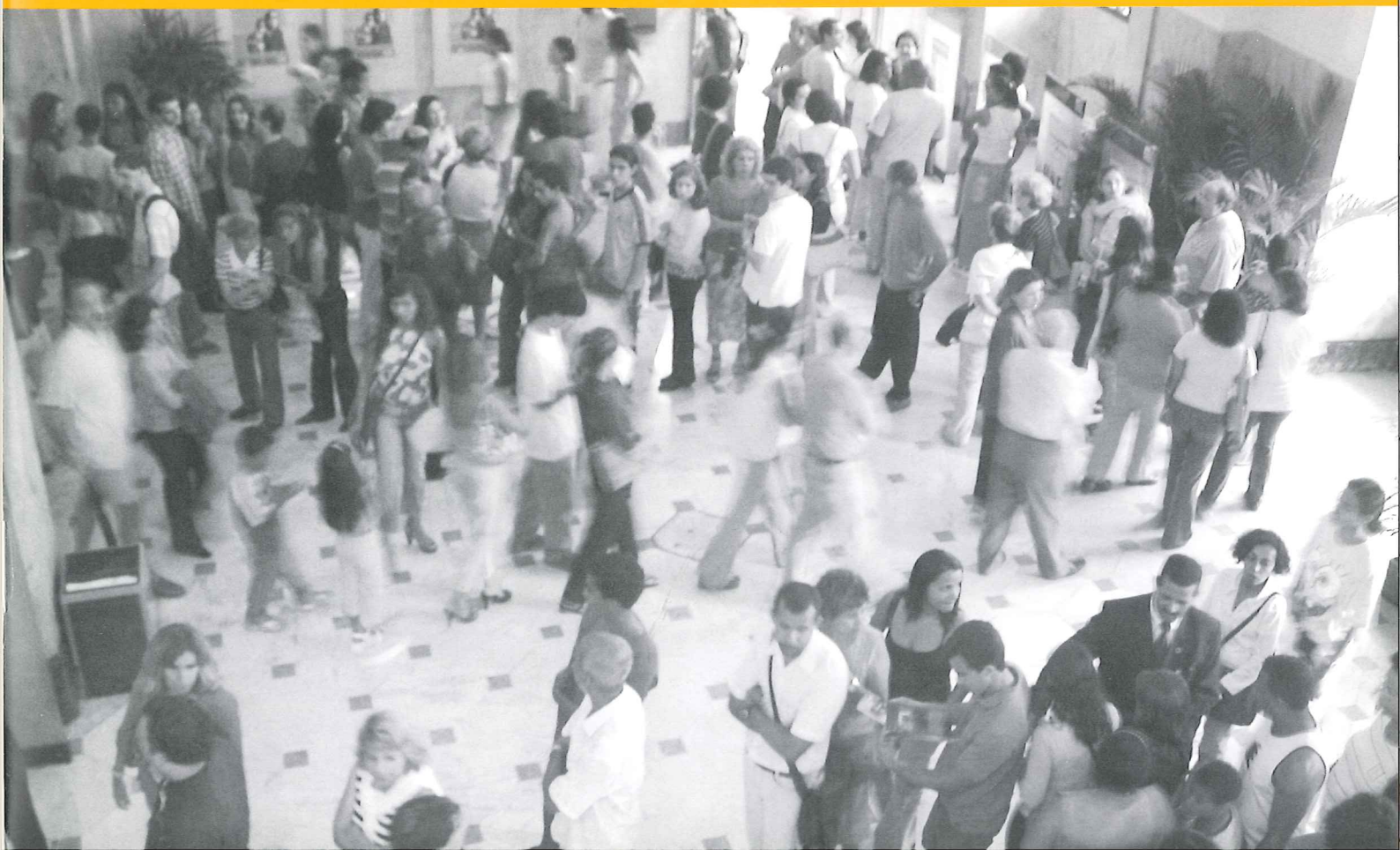
Zot Design / Rara Dias

Em 2004, o Banco do Brasil apresenta o CCBB Educativo, convidando o público a uma redescoberta do patrimônio e acervo do Centro Cultural Banco do Brasil e estimulando uma maior interação com a diversificada programação oferecida pela instituição. Deste modo, arquivos e coleções, atrações culturais que antes poderiam parecer destinados a especialistas, ganham um olhar mais amplo e lúdico, estendendo-se ao público em geral.

O programa estabelece ações educativas capazes de estimular os mais férteis diálogos entre os visitantes e as diversas linguagens artísticas. São atividades como os *Laboratórios de Criação*, que exploram os eventos de forma interdisciplinar, e *CCBB nas Escolas* que, ao mesmo tempo em que traz grupos de estudantes para a instituição, leva diversas oficinas culturais às escolas.

Ao oferecer ao público o CCBB Educativo, o Centro Cultural Banco do Brasil suscita a discussão de questões fundamentais para a compreensão da cultura brasileira, que se encontram presentes em sua programação, originando debates sobre temas tão importantes como arte, patrimônio, cidade, história e memória.

Centro Cultural Banco do Brasil





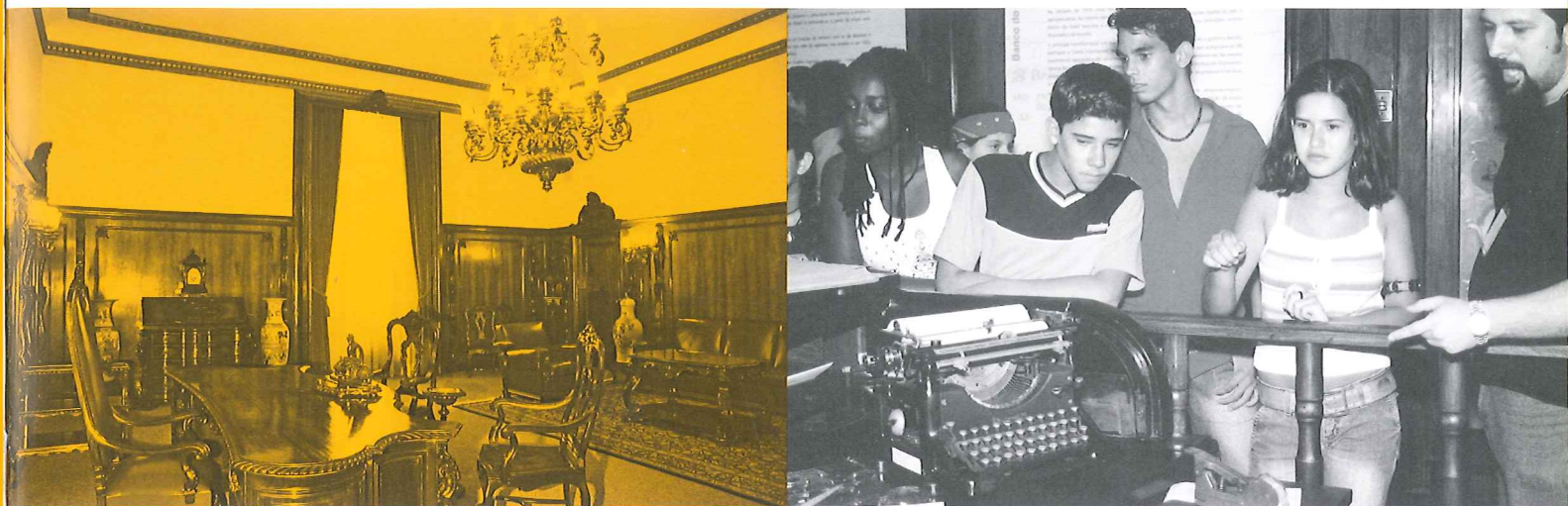
Caro Professor,

Em 2004 o Programa Educativo pretende redescobrir o patrimônio arquitetônico do CCBB e da cidade, bem como buscar nos acervos disponíveis as melhores possibilidades de diálogo com a programação oferecida. O objetivo é “dar vida” a arquivos que parecem interessar apenas ao especialista. Por isso queremos discutir com o público o que entendemos por patrimônio, cidade, o mito da história, memória, passado e presente, arte e civilização.

Ao trabalho que já desenvolvemos com o exercício do olhar acrescentaremos a interrogação quanto ao nosso patrimônio cultural urbano. Se para entender o significado do nosso patrimônio urbano teríamos, antes de mais nada, de conhecer a cidade, por outro lado compreendemos que o trabalho do educador precisa estar relacionado à elaboração da memória afetiva – conexões que emergem diferentemente para cada um de nós. Nosso trabalho como educadores dentro desta instituição quer mostrar algumas conexões entre o patrimônio e o nosso cotidiano, assim como entre o patrimônio e a programação oferecida.

O desafio de promover a democratização do conhecimento e da cidadania cultural num espaço que oferece diariamente produções artísticas diversas leva à estruturação de uma prática educativa que utiliza estratégias experimentais e que incentiva o diálogo entre as diversas linguagens artísticas e os diferentes públicos que frequentam a instituição. Nosso objetivo é consolidar o trabalho que vem sendo realizado nos últimos dois anos, agregando valores e ampliando algumas ações.

Em síntese, este projeto educativo será desenvolvido em três linhas complementares: *Laboratórios de Criação*, que exploram as exposições e eventos de forma interdisciplinar; *Patrimônio e Acervos* – leituras da arquitetura exterior e interior; e o programa *CCBB nas Escolas*. Uma nova frente de ação foi estabelecida para 2004, quando se pretende desenvolver atividades nas escolas, interligadas às linhas mencionadas. O objetivo é ampliar o alcance do nosso diálogo com os professores, levando o projeto educativo para dentro das escolas e ONGs.



CCBB nas escolas. O serviço de transporte gratuito não apenas trará grupos de estudantes para o CCBB; também levará para as escolas arte-educadores que organizarão oficinas (em diferentes linguagens) a partir da programação oferecida no Centro Cultural.

O Patrimônio – CCBB e seus Acervos. Em 2004, exploraremos o patrimônio arquitetônico do prédio e da vizinhança do CCBB, assim como os acervos do Banco do Brasil, de uma forma também poética – como obra de arte. As experiências estéticas promovidas no encontro com manifestações artísticas serão expandidas para a leitura do mundo – cidade, arquitetura e interiores do CCBB. Talvez este seja um dos mais importantes passos para o amadurecimento de uma filosofia de ação educativa: trazer para a leitura de mundo e do cotidiano o olhar poético da experiência artística ao mesmo tempo em que se desenvolvem programas permanentes que potencializem os diálogos com a programação.

O **Laboratório de Criação** está fazendo dois anos. Ali, todas as idades, escolas e famílias encontram um espaço que transforma consumidores passivos da programação do CCBB em produtores de experiências “poéticas”. Vamos realizar este ano novas propostas, ampliando as interseções entre linguagens – estruturadas em função tanto da programação como do patrimônio do CCBB.

PROGRAMAÇÃO PARA O PRIMEIRO SEMESTRE E PLANO DE AÇÃO DO EDUCATIVO

O projeto Arte, Cultura e Cidadania, buscando criar pontos de diálogo entre os eventos desenvolvidos pelo CCBB, seus acervos e o patrimônio arquitetônico, identifica na programação anual quatro temas/conceitos capazes de orientar as ações educativas.



Nicolao Facchinetti

FEVEREIRO/MARÇO

Tema explorado: **À margem da arte ou A margem da arte?**

Neste período, através da programação selecionada, o programa educativo vai discutir as fronteiras da arte com a vida, quando esses limites ficam mais estreitos e são explorados pelos artistas através de poéticas bem distintas.

ARTES VISUAIS

Keith Haring

27/1 a 14/3

Exposição do artista americano da geração dos anos 80 da Pop Arte, mostrando temas atuais e polêmicos.

Curadoria: Néssia Leonzini

Polaroids – Andy Warhol

27/1 a 14/3

Exposição de fotos em polaróide do principal artista da Pop Arte americana, Andy Warhol. As fotos fazem parte do processo de trabalho do artista para a realização de seus famosos retratos.

Curadoria: Néssia Leonzini

Carnaval

27/1 a 28/3

Exposição de treze artistas internacionais contemporâneos que mostram diferentes leituras a partir do tema do carnaval.

Curadoria: Alfons Hug

TEATRO

Obrigado Cartola!

7/1 a 28/3

Musical em homenagem ao grande músico Cartola e sua companheira, D. Zica.

Direção: Vicente Maiolino

Macbeth

10/3 a 2/5

Montagem da peça de William Shakespeare pela Companhia Amok. A peça fala do homem prisioneiro dos seus desejos, de suas alucinações, de seus remorsos e da consciência de sua decadência.

Direção: Ana Teixeira

MÚSICA

Até pinico dá bom som

2, 9, 16, 23 e 30/3

Artistas que fazem sons de "instrumentos" não-convencionais. Com Hermeto Pascoal, Grupo Uakti, Naná Vasconcelos, Guinga, Barbatuques e Badi Assad.

Curadoria: Carlos César Belém

ABRIL/MAIO/JUNHO

Tema explorado: O Olhar do Outro

Através dos eventos do período estaremos explorando os olhares de diversos grupos culturais para a sociedade, relendo e revendo o mundo pela arte.

ARTES VISUAIS

Facchinetti
29/3 a 6/6
(ver texto na pág. 15)

Yanomami – O espírito da floresta
12/4 a 20/6

Treze artistas, de diversas partes do mundo, foram convidados a elaborar obras inspirados na concepção Yanomami de imagens xamânicas. Trata-se de um projeto concebido com os xamãs de uma aldeia Yanomami da Amazônia brasileira – Watoriki.

Curadoria: Hervé Chandés, Fondation Cartier

Ticunas – pinturas da floresta

12/4 a 20/6
Exposição de 40 pinturas e 20 fotografias que integram o acervo do Projeto Educação Ticuna. Este projeto procura preservar as características culturais deste grupo étnico através do estímulo das expressões artísticas.
Curadoria: Alex Peirano Chacon

TEATRO

Sonhos de uma noite de verão
7/4 a 20/6

Adaptação coletiva do famoso clássico de Shakespeare pela Cia. de Teatro Nós do Morro, da Comunidade do Vidigal.

Direção: Fernando Mello

Por dentro de Othelo
20/4 a 2/5 – Rotunda

Adaptação do grupo Caixa de Imagens para a peça de Shakespeare. Com bonecos medindo cerca de 20cm e uma caixinha como um miniteatro, o grupo sintetiza as histórias em não mais que três minutos, para um único espectador.

Direção: coletiva da Caixa de Imagens Trabalhos Artísticos

As cadeiras
19/5 a 11/7

Montagem da peça escrita em 1951 por Eugene Ionesco, criador do Teatro do Absurdo. A peça, uma farsa-trágica, aborda os limites da condição humana.
Direção: Massoud Saidpour

MÚSICA

Centenário Dvorak
6, 13, 20 e 27/4

Homenagem ao compositor tcheco Antonin Dvorak, que utilizou o folclore como inspiração.

Curadoria: Gabrielli Ilse Leib

Partidos musicais do século XX
4, 11, 18 e 25/5

Apresentações de música erudita com obras dos quatro mais representativos movimentos estéticos do séc. XX – Impressionismo, Expressionismo, Simbolismo e Orientalismo.

Curadoria: Giulio Draghi

Hip hop latino

1, 8, 15, 22 e 29/6
Evento que procura aproximar os países da América espanhola do Brasil. Trará bandas da Argentina, México, Cuba, Colômbia e Brasil, mostrando uma música universal, diversificada e atual.
Curadoria: Eva Doris Rosenthal

CINE-VÍDEO

É tudo verdade
23/3 a 4/4

9ª edição do festival internacional de documentários, que apresenta o melhor da produção mundial no gênero.

Curadoria: Amir Labaki

Vídeo nas aldeias – um olhar indígena
20/4 a 2/5

Mostra de vídeos do projeto Vídeos nas Aldeias, com destaque para as obras dos realizadores indígenas.

9º Festival de Cinema Universitário

25/5 a 6/6
Evento que promove a produção audiovisual dos universitários.

Curadoria: Eduardo Valente e Cristian Borges

Cinesul 2004

8 a 20/6
Festival que reúne obras inéditas, homenagens a cineastas e atores consagrados e debate sobre produção audiovisual da América Latina e Caribe.

Curadoria: Angela José do Nascimento

DANÇA

Dança Brasil abril

A versão 2004 do evento traz o tema “O espaço que (nos) inspira”, com espetáculos de companhias brasileiras de dança contemporânea. O tema parte da idéia de que a dança revela um modo de representação do corpo em sua relação com o espaço.

Curadoria: Leonel Brum e Sílvia Soter
Direção: Ailton Franco e Rossine de Freitas

QUANDO EDUCAR PARA CONSTRUIR A CIDADE É PARTE CONSTITUTIVA DE UMA EDUCAÇÃO POR UMA FORMA SENSÍVEL DE CIVILIZAÇÃO

Sueli de Lima

O objetivo básico da preservação não é parar o tempo, porém intervir com sensibilidade nas forças de mudança. É entender o presente como um produto do passado e um modificador do futuro.

(John W. Lawrence)

Em 2004, pretendemos expandir as ações desenvolvidas pelo Arte, Cultura e Cidadania na direção da leitura da cidade e da valorização dos acervos do CCBB, colaborando para a reconexão do indivíduo com seu ambiente. Neste texto, apresento algumas questões que nos orientam na formulação das ações para a interpretação do patrimônio. Como olhar para uma cidade? Como ler as construções que a compõem? Como encontrar sentido ou tornar interessantes para os não especialistas as grandes coleções (como as quatro mantidas por esta instituição: biblioteca, videoteca, arquivo e museu)? Como relacionar esses aspectos com o desafio da construção do cidadão carioca?

Acabar com a opacidade de uma cidade é transformá-la em um lugar – situado, caracterizado, povoado de experiências. Ao contrário do olhar panorâmico para o mundo, que mantém o sujeito de *fora*, distante e contemplativo, acreditamos que a transformação de um *lugar* em *cidade* é também uma tarefa para nossos olhares, porque quando eles saem da anestesia reconhecem, decompõem e interpretam, transformando observadores em cidadãos. O olhar é então capaz de relacionar os diversos planos sociais e visuais que coexistem. Numa visita à cidade somos obrigados a penetrar, caminhar, sentir cheiros, ouvir sons distintos, somos inseridos num espaço, nossa visão é circular, pós-cubista. O que comanda nosso olhar para a cidade não é somente a paisagem, mas todo o nosso corpo é colocado em movimento. Interpretar o patrimônio é, portanto, experiência de um corpo num espaço.

O que pretendemos com este programa voltado para a interpretação do patrimônio é *experimentar* os espaços e daí encontrar as histórias do passado sem deixar de criar novas histórias. A cidade é um fórum de vivências, de encontros de diferentes sujeitos, mas assim como as obras de arte ela não possui

uma única verdade: cabe a nós *prová-la* e através de nossas sensações construir sentidos. O que nos interessa é descobrir como *hoje* nos encontramos com nosso passado.

A relação sugerida entre a experiência de descobrir ou redescobrir uma cidade com o olhar cubista tem a ver com o fato de que nos dois casos é preciso circular, ver de cima, de baixo, livre da visão linear. Hoje, ao olharmos para um objeto mergulhamos nele. Ao olharmos para um, encontramos os outros, como se os outros habitassem este *um*. Ao descobriremos uma cidade também descobrimos outras: o Rio, por exemplo, nos remete a Lisboa, ambas parecem ligadas por uma correnteza marítima, em linha direta. Uma de frente para a outra. Da mesma forma, conhecer o CCBB é conhecer a Praça XV, o Paço, a Candelária, a Primeiro de Março, a Presidente Vargas – tudo isso cabe dentro deste prédio que o Banco do Brasil transformou em centro cultural. O centro da cidade exige do observador seu deslocamento.

Como podemos pensar uma educação para o patrimônio que envolva os cinco sentidos? Como meu corpo apreende o meu entorno? Por quê? O espaço emite sons, ou interfere nele? Qual é ou quais são seus cheiros? Como o espaço interfere na forma como nos relacionamos? Como o mundo transforma meus sentidos e vice-versa? Estão todos convidados a desenvolver experiências espaço-sensoriais da Praça XV à rotunda do CCBB.

Lançado este novo desafio – o de incorporar o patrimônio ao programa educativo –, não queremos somente recontar antigas histórias; mais que isso, vamos experimentar a sensação da cidade, dos diversos tempos e funções representados em suas construções. Não há mais o observador absoluto – fora do espaço e do tempo: estamos situados no aqui-e-agora e nossa visão se transforma a cada instante.

A falta de planejamento urbanístico para o Rio – uma “cidade partida”, marcada pelo “apartheid” social – acabou por criar duas cidades: uma oficial,

com endereços, mapas etc., e outra que nasceu da incapacidade da primeira de criar condições para seu próprio crescimento. Esta última são as favelas e os bairros periféricos, onde os serviços básicos e direitos fundamentais como endereço, por exemplo, ainda não estão garantidos para todos.

Recebemos diariamente no CCBB muitas crianças que nunca tiveram a oportunidade de conhecer o centro de sua cidade. Elas pouco *experimentaram* de sua história ou geografia e só tomam conhecimento de sua existência pela televisão ou pelos livros didáticos. Quantas crianças hoje moradoras do Rio de Janeiro são realmente cidadãos do Rio de Janeiro? Quantas não sentem vergonha do local em que moram, e conseqüentemente desconhecem por completo a idéia de que a cidade é sua e de sua família? Nosso desafio está aí: transformar o estranhamento experimentado por muitos dos que nos visitam em sensação de pertencimento, em cidadania. Este projeto pretende colaborar na costura desta cidade, aproximando-nos.

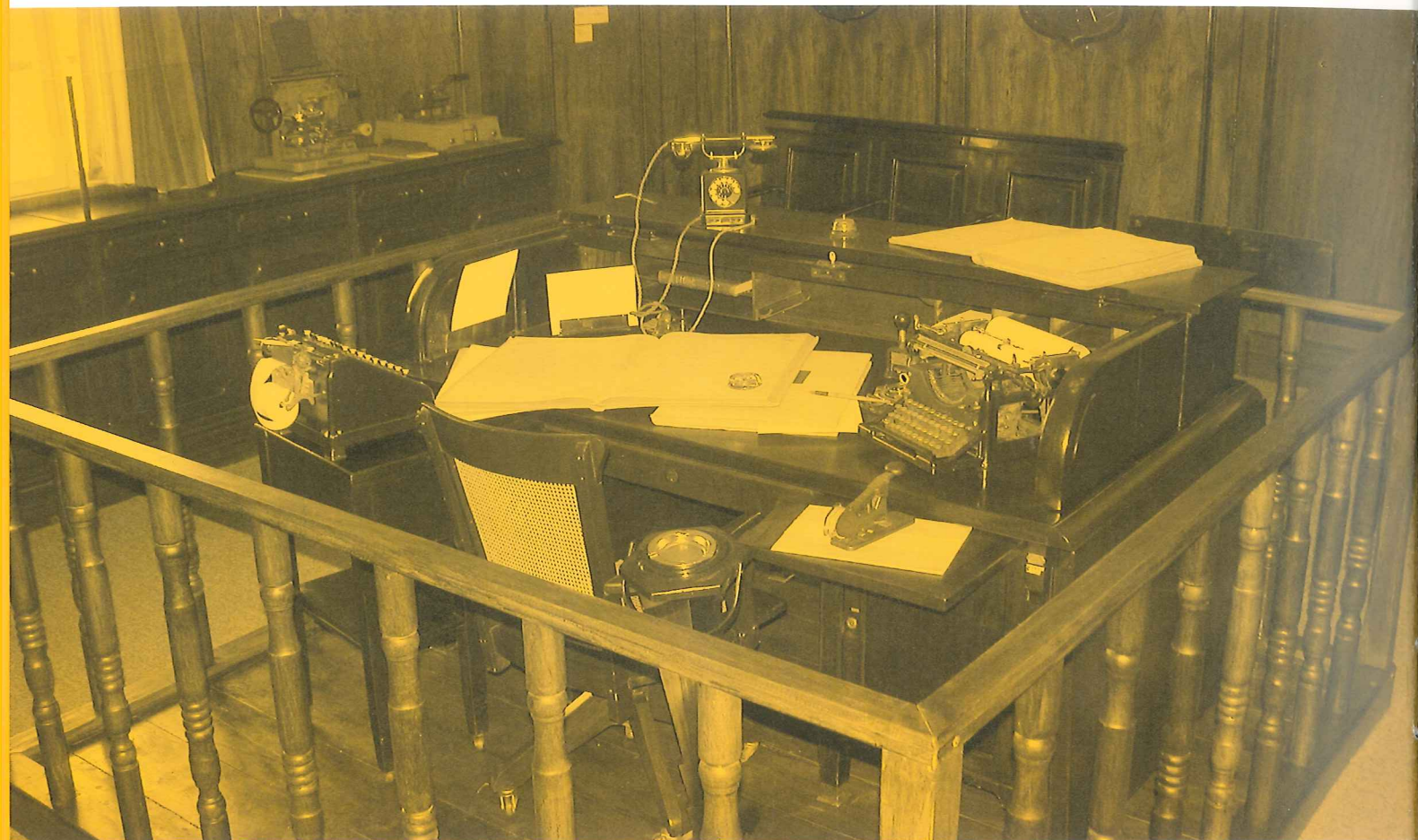
A cidade era, até bem pouco tempo atrás, um local de proteção; hoje, ao contrário, ela foi transformada em megalópole – é o local da angústia, do medo, da insegurança, da luta pela sobrevivência. Na megalópole eliminou-se definitivamente o valor do indivíduo. Apagaram-se sua história, suas referências, seus vestígios e suas possibilidades de interferir no real. Ao habitante da megalópole não é possível mais pensar, conceber ou compreender sua realidade, só é possível sofrê-la. As cidades não são mais construídas para a convivência humana, tornaram-se uma rede de serviços.

Estamos lidando com duas palavras – embora muitas vezes nos esqueçamos disso – que possuem a mesma raiz: cidade e cidadão. Elas se relacionam com base numa reciprocidade: quando o espaço público deixa de ser apenas funcional (bancos, igrejas, praças) para ser um *lugar*, ele adquire características, um passado, expectativas, memórias, afetos, valores – ele pode se constituir como cidade. (Quem pode se esquecer, ao olhar para a Candelária, da morte brutal de oito crianças numa madrugada? Ou da manifestação que reuniu um milhão de pessoas pelo direito a eleições diretas?) Da mesma forma, a cidade precisa do cidadão para não morrer, para manter-se viva e passível de transformação por parte de todos os que a utilizam e que não cessam de investigar pela sua identidade – ou seja, o cidadão é aquele que *possui interpretativamente* a cidade.



Se queremos que a educação colabore na construção de nosso patrimônio é preciso criar relações entre locais e vivências, identificando as diversas experiências já vivenciadas num determinado espaço público pelas diferentes classes sociais. É através das relações construídas que se supera o desenraizamento característico do não-cidadão.

A cidade não se descortina espontaneamente aos nossos olhos. Ela precisa ser descortinada, precisa “fazer sentido”, ser interpretada, ou permanece como muros opacos, saturados de inscrições que não



temos condições de ler. Torna-se vazia. O olhar para uma metrópole como o Rio de Janeiro parece fadado à saturação: como superar nossa cegueira?

A cidade é pensada por Argan¹ não como um agregado social, mas como um equivalente visual, como linguagem. Ela nada mais é, portanto, que situações urbanas. Segundo tal raciocínio, o contexto urbano precisa possuir profundidade histórica, do contrário fica restrito à funcionalidade e perde sua dimensão comunicativa. Ou seja, as estruturas espaciais que formam nossa realidade objetiva são decorrentes dos pensamentos que as criam, a cidade é a dimensão do homem que a cria. É óbvio que por mais que se planeje ou projete a existência do objeto, ele é sempre resultado da experiência humana.

Nosso papel como educadores é conservar ou restituir ao indivíduo a capacidade de interpretar e utilizar o ambiente urbano de maneira diferente das prescritas no projeto de quem as criou, dar-lhe as possibilidades de reagir ativamente ao ambiente, e não meramente assimilá-lo. O problema consiste em dar à cidade a possibilidade de flexão de um sistema lingüístico (ser entendida como sistema de infor-

mação). A cidade é feita de coisas. Mas *“uma coisa é viver na dimensão livre e mutável das imagens, outra é viver na dimensão estreita e mutável das coisas. É esta a passagem que a cidade moderna precisa realizar, da dureza das coisas à mutabilidade das imagens”*.² A liberdade de interpretar não apenas as coisas, mas também as imagens dadas como coisas, transforma nossa condição humana e passamos a exercer de forma mais livre nossas posições políticas e éticas, e não somente as estéticas.

É interessante, então, lembrar Calvino, que atribui à literatura e à linguagem a capacidade de retirar o peso das construções e lutar pela criação de um território livre de interpretação nas cidades. Eis aí nosso desafio.

E o que é o patrimônio senão aquilo a que um determinado grupo atribui valor e que ele pretende preservar através de uma política capaz de mantê-lo vivo, ou seja, aberto a novos desafios. Um episódio histórico ilustra bem esta questão: na Segunda Guerra, algumas catedrais góticas na Europa tiveram seus vitrais inteiramente destruídos pelos bombardeios, mas os restauradores convidaram Miró para criar outros,

porque entendiam o patrimônio como um bem cultural que, por isso mesmo, não pode ser tratado como bens estáticos; ao contrário, eles registram as transformações e desafios pelos quais passamos. É desta forma que encaramos nosso papel diante do problema da interpretação do patrimônio: é preciso que este contato com a arte nos permita concluir que o real é transformável e nos impulse para a atuação.

Gostaria de apontar ainda como pensamos em construir as ações educativas voltadas para as importantes coleções mantidas pela instituição.

É interessante lembrar que quando criança todos nós somos colecionadores. Esta prática não deixa de ser uma importante experiência de apropriação do mundo, nossas coleções são verdadeiros *recortes do real*. E a reflexão precisa ser capaz de construir nexos para que isso se torne parte da edificação de nossa memória. A memória – uma forma de pensamento, como acentua H. Arendt³ – é construída a partir de conexões que vamos formando entre os fatos e nossas experiências dos fatos. A memória é um importante instrumento para a reflexão. Se, como educadores, estamos interessados na arte e na cultura, a construção da memória é parte essencial de nossa prática.

Como transformar essas coleções em objeto de interesse não apenas de especialistas? Para que possam efetivamente ser consideradas como tais, as coleções precisam ser dirigidas por uma reflexão, sob pena de se tornarem amontoados de guardados.

Utilizaremos a Videoteca, a Biblioteca, o Museu e o Arquivo Memória CCBB, sempre através de suas interseções com a programação oferecida ao longo do ano. Por exemplo: vocês sabiam que tudo o que foi realizado pelo CCBB é transformado num arquivo chamado Memória CCBB e, mais, está à disposição do público? As coleções representam geralmente uma luta contra o esquecimento. No caso do Arquivo Histórico trata-se de importante testemunho do debate artístico desenvolvido na cidade nos últimos quinze anos – potencialmente capaz de manter intenso diálogo com a programação oferecida.

Ao falar em patrimônio entramos em contato com um tempo em suspenso: entre o passado e o presente, experimentamos a história. Porque o passado não nos interessa pelo sabor da nostalgia; não queremos

voltar a ele, mas aprender com ele e refletir sobre o nosso presente. Esta relação operativa entre o passado e o presente se justifica porque estamos falando de uma política que é construída na integração entre a história e a cultura, que pode ser experimentada pelo público no contato com as coleções que compõem o acervo.

Homem, espaço, cidade, memória, coleções, patrimônio, tudo isso tem conexão direta com a polêmica relação entre arte e vida? Como nos lembra Vygotsky⁴, sim, através de uma complexidade de inter-relações, pois a arte é capaz de criar uma imensa capacidade de atuar. Dependendo daquilo que libere ou reprima ela pode inspirar a transformação, o além. Porque surge da vida e para ela se dirige, o papel da arte é fundamental para a construção de um sujeito sensível, humano e inteligente.

¹ ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

² idem

³ ARENDT, Hanna. *O passado e o presente*. São Paulo: Perspectiva (Série Debates), 1992.

⁴ VYGOTSKY, L. S. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Sueli de Lima coordena o projeto *Arte, Cultura e Cidadania*. Arte-educadora e historiadora da arte, coordena as Casas das Artes da Mangueira e de Vila Isabel.

